

SOBRE SONHOS E REALIDADES

Luiz Carlos Corrêa Carvalho*
caio@canaplan.com.br

“Não há razão para qualquer pessoa ter um computador em casa”.

Ken Olsen, Presidente da
Digital Equipment Company,
1977.

Prever o futuro é apavorante..... o passado é pó..... só o presente é real e passa tão rápido. As projeções do curto prazo podem ser algo como a piada que relata a diferença entre o erros que cometem o agrônomo e o médico: o primeiro a terra mostra..... o segundo, esconde! Já as de longo prazo nem sempre nos encontra vivos! Mas brincadeiras a parte, a inimaginável transição que vive o mundo torna absolutamente complexa qualquer previsão. Se imaginarmos que há 2 anos não se tinha a menor expectativa de um afro-americano poder vir a ser Presidente da maior economia do globo, ou, por exemplo, o futebol do Equador superar o do Brasil em competição de times, tem-se novas cores dramáticas!

O poder dos tempos faz ter-se a impressão que os sonhos estão mais rapidamente se tornando realidade, assim como já se vê realidades como a China dividindo a liderança mundial com os EUA, a Europa vendo o cristianismo despencar em número de fiéis a níveis assustadores e mesmo o Corinthians caindo para a segunda divisão do campeonato (esse, sonho de alguns....).

O Brasil despertou que não é vergonha ser o campeão mundial do agronegócio e o seu Presidente é o seu maior vendedor do etanol pelo mundo! Tempos novos, onde o petróleo chega a preços inimagináveis e as economias continuam a crescer.....

O Brasil do futebol, samba e agronegócio, agora é parte do BRIC – grupo Brasil, Rússia, Índia e China, que estarão no topo dos países mais ricos antes da metade deste século; é candidato a potência petrolífera nos próximos 5 a 10 anos. O Brasil da cana-de-açúcar se transforma no Brasil da cana-de-energia, produzindo muito mais etanol que açúcar e gerando eletricidade verde,

* Engº Agrº, Diretor da Canaplan e da Usina Alto Alegre.

limpa, que talvez representará em 2020, 15% da matriz de demanda de energia elétrica do país.

No Brasil de hoje, um grupo açucareiro compra aqui a gigante Esso (distribuição) e se torna grande distribuidor de combustíveis, enquanto grandes grupos químicos internacionais procuram parcerias com usineiros e multinacionais de alimentos e de energia estão produtores de etanol.

No Brasil de hoje, as “commodities” agrícolas mostram preços muito elevados, pressionados pelos efeitos do petróleo, secas, crescimento espetacular da demanda por alimentos e energia, exceto no caso da cana-de-açúcar!! Esta, vive o seu ciclo de baixa, face a explosão de oferta ocorrida na excitação das perspectivas das commodities.....

Mas estamos vivendo o fim desse ciclo, já no ano de 2008, desde que o “mundo” não acabe! A perspectiva de recessão ou melhor, de redução dos índices de crescimento poderia frear esse fato? Contrariando os sábios para os quais não se deve falar sobre o curto prazo (a base da orientação sempre foi: falar do futuro longínquo é seguro; do curto prazo é suicídio), segue uma visão:

Comida e energia seguirão crescendo! São, obviamente, a base da vida. A biomassa cresce muito mais que a fósfil-energia, independentemente do fato que eventualmente a economia global mostre redução do ritmo atual de crescimento. E nesse crescimento, o Brasil terá mercados excepcionais pois a questão seríssima da crise alimentar fará europeus, norte-americanos e japoneses reverem a sua política protecionista. Os países competitivos verão cotas, abertura como quedas de impostos de importação e de subsídios, criando mercados via formal aprovação nas políticas multilaterais tipo Rodada de Doha. Os Fundos continuarão comprando “commodities” no curto prazo; a Índia faz forte redução da produção de açúcar enquanto o crescimento do consumo do produto na Ásia segue acelerado; o etanol vai rompendo barreiras e paradigmas, fazendo com que norte-americanos e europeus vão às suas compras.... até o clima cruel ao hemisfério norte é fato gerador de importações do sul..... entidades inúmeras, de grande expressão nos EUA, fizeram formal pedido de queda de imposto ao álcool brasileiro às autoridades norte-americanas, seguindo as análises e orientações da ONU, Bando Mundial, BID, e de outros.

Entre 2008 e 2009, o etanol terá prêmio sobre o açúcar e ambos farão o preço da cana pelo menos pagar os custos operacionais e alguma margem.

Já em 2009, o jogo do mercado é altista, os preços serão remuneradores. Se o governo novamente não chamar o setor para travar preços e se a Petrobrás resolver assumir o mercado e seus preços de combustível ao consumidor (afinal o petróleo praticamente vale, hoje US\$ 1,00/litro!!) ou sem reduzir impostos (o que é absurdo face o custos da poluição causada pelos combustíveis fósseis), o produtor terá mais chances.

Não sendo verão, os sonhos nos trópicos são mais lógicos. Sendo verão no hemisfério norte, os preços da gasolina são bem mais altos. À anterior e atual realidade de não pagar custos, cresce o sonho de margens positivas.....afinal, sem elas, não se constrói o futuro.

Como escreveu Nélide Piñon, *“a sedução da aventura, de suas ilhas de fantasia e terras prometidas é poderosa, mas é difícil saber onde chegar, em conflito com a realidade”*. A extasiante luz do amanhecer, por vezes, faz acordar o que se julga “real”, obscurecendo os sonhos. Seria assim? Ledo engano! Os sonhos permanecem na alma, esperando o momento que o homem escute o seus ruídos.....

Seja no curto ou no longo prazo, as transformações vão arrebatando os paradigmas e, sempre, o futuro dependerá dos valores que vão se estabelecendo. Vale citar dois momentos do passado e a complexidade das ações: a civilização Maia viu a derrocada da sua produção pelo desmatamento acelerado sem reposição; o mundo viu a fantástica evolução tecnológica do século do petróleo e, agora, paga os juros desse empréstimo via aquecimento global. Assim como não há almoço de graça, os pecados são cobrados.

Unir a cadeia produtiva, sob valores de ética e respeito, levará o setor cana a incríveis posições de geopolítica, jamais, realmente, pensados. Quem sabe esse o grande castigo aos que remaram contra, seja por visão do retrovisor ou por ideologia.